CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS I 2018

OS JOVENS, A FÉ E O DISCERNIMENTO VOCACIONAL

ANÁLISE DOS DADOS DO QUESTIONÁRIO

RELATÓRIO FINAL

Março | 2018

FICHA TÉCNICA

Coordenador do estudo:

Eduardo Duque

Email: eduardoduque@braga.ucp.pt

Endereço Institucional

Universidade Católica Portuguesa

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais

Campus Camões

4710-362 Braga

Telefone: 351 253 206 100

Fax: 253 206 108

Homepage: www.braga.ucp.pt

Dioceses Colaboradoras na Investigação:

Braga

Bragança-Miranda

Coimbra

Évora

Guarda

Lamego

Leiria-Fátima

Lisboa

Porto

Setúbal

Vila Real

Viseu

ÍNDICE

FICHA TÉCNICA **2**

INTRODUÇÃO **4**

I. CARACTERIZAÇÃO DA DIMENSÃO RELIGIOSA JUVENIL EM PORTUGAL **5**

II. ANÁLISE DOS DADOS DO QUESTIONÁRIO **10**

1. *JOVENS, IGREJA E SOCIEDADE* 11
2. ***PASTORAL JUVENIL VOCACIONAL*** 16
3. ***OS ACOMPANHANTES*** 18
4. ***UMA VISÃO DA EUROPA*** 19

III. IDEIAS IMPORTANTES A CONSIDERAR **22**

IV. REFLEXÃO FINAL **25**

V. BIBLIOGRAFIA **28**

INTRODUÇÃO

O presente documento é uma análise das respostas ao *Questionário do Documento Preparatório para a Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*, tendo em conta as respostas enviadas pelas Dioceses, coordenadas pelos respetivos Departamentos de Pastoral Juvenil. Este estudo fundamenta, assim, o seu trabalho a partir das Dioceses respondentes, a saber: Braga, Bragança-Miranda, Coimbra, Évora, Guarda, Lamego, Leiria-Fátima, Lisboa, Porto, Setúbal, Vila Real, Viseu.

O questionário tem por finalidade fazer uma recolha de dados acerca das vivências juvenis e compreender as experiências de acompanhamento vocacional que são feitas pelos agentes de formação e evangelização nas paróquias. O documento está dividido em cinco partes, sendo que, cada uma delas, aborda questões diferentes sobre a forma como os jovens vivem a sua dimensão religiosa e qual o papel dos diferentes agentes no processo de evangelização e de acolhimento destes no seio da Igreja.

Neste documento não se apresentará a V parte do questionário, uma vez que esta diz respeito a uma caracterização das atividades de maior relevo nas Dioceses, pelo que, dada a sua realidade objetiva, não exige uma interpretação da nossa parte.

Para se compreender melhor os dados que aqui irão ser apresentados relativos ao questionário sinodal *"Os jovens, a fé e o discernimento vocacional"*, importa fazer uma contextualização sobre a relação dos jovens portugueses com a religião.

Recorreremos, para isso, ao Inquérito Social Europeu, já que este, não sendo específico de análise religiosa, permite retratar as principais variáveis religiosas e a sua relação com a juventude. Por outro lado, este é o inquérito que permite a análise mais atualizada desta temática, tanto a nível nacional como europeu. Posto isto, far-se-á uma análise da realidade religiosa juvenil portuguesa[1].

[1] O Inquérito Social Europeu é um instrumento académico aplicado de dois em dois anos, desde 2002, em vários países europeus, inclusive em Portugal, que permite saber a opinião dos europeus acerca de vários temas, entre eles o da temática religiosa. O último inquérito do ESS disponível corresponde ao ano de 2014, uma vez que o referente ao ano 2016 não foi aplicado em Portugal.

I. CARACTERIZAÇÃO DA DIMENSÃO RELIGIOSA JUVENIL EM PORTUGAL

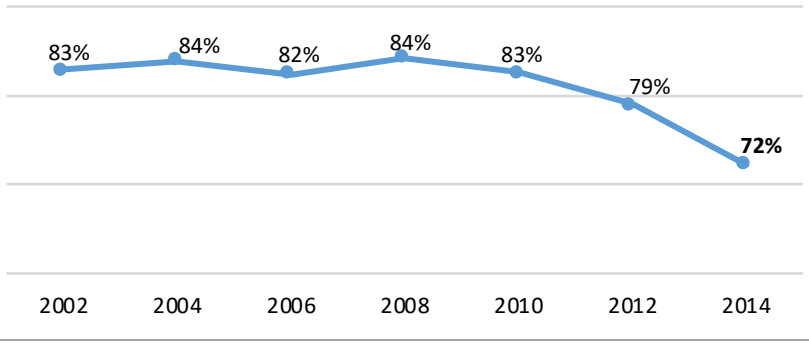
Os *jovens católicos* representam, em 2014, cerca de 12% do total da população católica, a maioria (55%) tem o Ensino Básico, 30% o Ensino Secundário e 15% o Ensino Superior. Quanto à ocupação profissional 46% é estudante, 42% trabalhador, 10% está numa situação de desemprego e 2% tem um trabalho doméstico.

Olhando agora para a *população católica portuguesa* como um todo, verifica-se que em 12 anos, entre 2002 e 2014, há uma evidente diminuição da percentagem de pessoas que se dizem católicas em Portugal, de 83% passa para 72%, respetivamente.

A evolução destes 12 anos permite constatar que, não obstante esta descida, Portugal continua a manter bem vincada a sua matriz católica (cf.: Gr.1).

GRÁFICO 1

População Católica Portuguesa



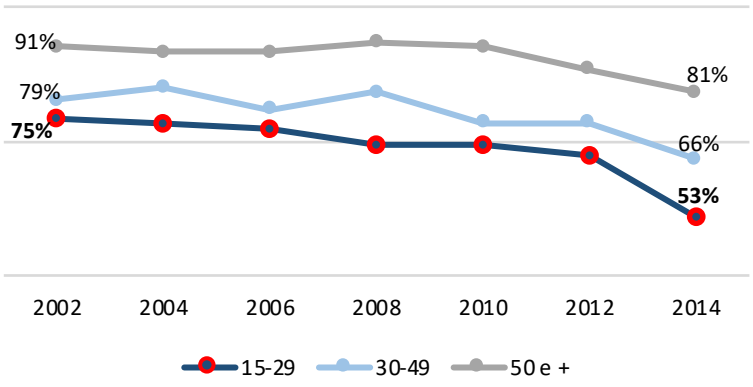
Fonte dos dados: European Social Survey, 2002 a 2014.
Base: Em cada caso, população portuguesa.

Ao analisar este mesmo período temporal tendo em conta o comportamento das diferentes faixas etárias, verifica-se que é entre a população jovem que se tem vindo a verificar a maior descida da percentagem de católicos, não obstante esta tendência ser visível nos demais grupos etários.

Note-se que, em 2014, só 5 em cada 10 jovens se diz católico em Portugal. Realidade que deixa antever para os próximos anos contextos paroquiais mais envelhecidos e arredados das problemáticas e vivências sociais (cf.: Gr.2).

GRÁFICO 2

População Católica Portuguesa, segundo a idade



Fonte dos dados: European Social Survey, 2002 a 2014.
Base: Em cada caso, população católica portuguesa.

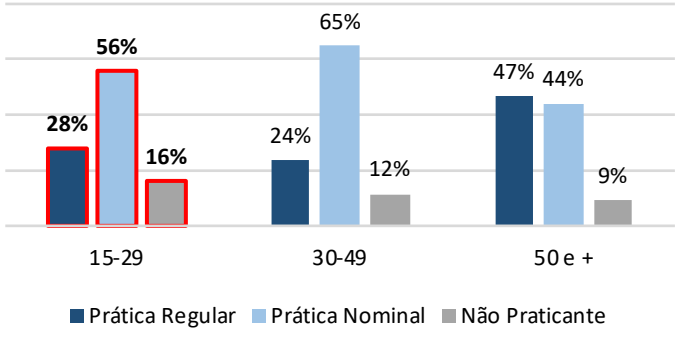
De modo a centrar a nossa análise na atualidade da dimensão religiosa dos jovens, proceder-se-á somente à dimensão analítica do inquérito de 2014.

Não obstante a matriz católica continuar vincada em Portugal, a prática da vivência cristã entre os jovens vai-se afastando dos seus contextos diários.

O gráfico 3 mostra-nos que os jovens portugueses que se dizem católicos, não obstante serem apenas cerca de 50% da totalidade da juventude, continua a manter uma relação com a prática dominical, ainda que esta não seja com uma regularidade efetiva, já que dos jovens que se dizem católicos apenas 28% refere ter uma prática regular, ou seja, vai à missa uma ou mais vezes por semana, e 56% tem uma prática nominal, ou seja, assistem aos serviços religiosos pelo menos uma vez por ano (cf.: Gr.3).

GRÁFICO 3

População Católica por idade, segundo prática religiosa



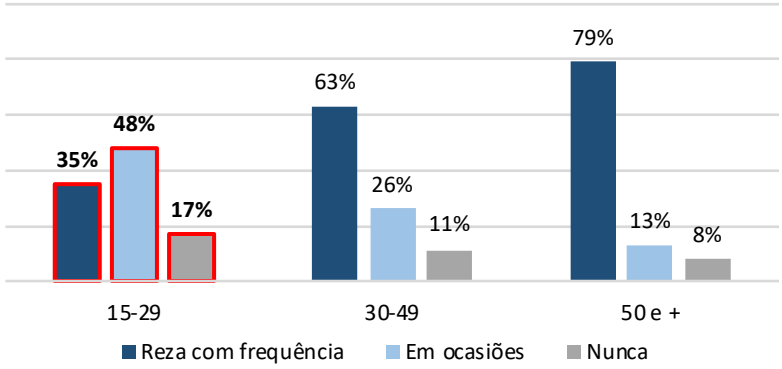
Fonte dos dados: European Social Survey, 2014.
Base: Em cada caso, população católica segundo a idade.

Se na vivência pública da fé os jovens apresentam uma prática regular pouco expressiva, não surpreende que a oração regular, enquanto manifestação mais íntima da fé, apresente valores percentuais também eles relativamente baixos, já que apenas 38% dos jovens católicos afirma rezar com regularidade e 48% apenas o faz em algumas ocasiões (cf.: Gr. 4).

Esta realidade dos jovens contrasta com a forma como as gerações mais velhas se posicionam em relação à oração, o que permite concluir que, não obstante estas gerações terem uma prática dominical com pouca assiduidade, necessitam de estar ligadas a Deus, embora o prefiram fazer num foro mais privado, neste caso através da oração.

GRÁFICO 4

População Católica por idade, segundo frequência de oração



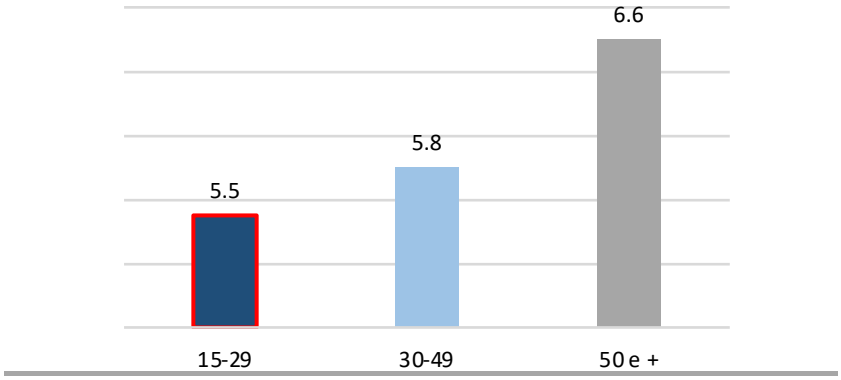
Fonte dos dados: European Social Survey, 2014.
Base: Em cada caso: população católica segundo a idade.

Quando se questiona um jovem católico sobre o seu sentimento religioso, apercebemo-nos de que, de facto, há um distanciamento entre a identidade católica e a vivência "pública" e "privada" da fé, uma vez que apenas 6 em cada 10 jovens católicos expressa ter um *sentimento religioso* (cf.: Gr. 5).

Esta variável permite reforçar a análise que temos vindo a fazer sobre a realidade dos jovens católicos; na verdade, a ligação dos jovens que se dizem católicos ao religioso é cada vez menor, evidenciando que uma parte expressiva destes jovens (53%) não apresenta qualquer ligação à religião ou então uma ligação débil.

GRÁFICO 5

População Católica por idade, segundo sentimento religioso
(Média de 0 a 10)



Fonte dos dados: European Social Survey, 2014.
Base: Em cada caso: população católica segundo a idade.
Nota: A média varia entre 0 (nada religioso) e 10 (muito religioso).

Em jeito de conclusão desta breve análise da dimensão religiosa dos jovens, depreende-se a ideia de que, na sociedade portuguesa, há um número expressivo de jovens, 4 em cada 10, que não tem qualquer vínculo ou relação com a religião católica, fator que manifesta uma tendência para o esmorecimento da identidade sociocultural de matriz católica em Portugal.

Por outro lado, a expressão religiosa dos jovens católicos, que representam 5 em cada 10 jovens portugueses, evidencia que a sua identidade cristã não está alicerçada numa vivência assídua dos seus princípios e valores, mas é essencialmente fruto de uma herança cultural e familiar que não está ancorada em práticas religiosas regulares.

Feita uma breve caraterização dos jovens católicos portugueses, importa agora compreender como é que estes jovens e os diferentes agentes eclesiais se posicionam em relação a algumas questões centrais na vida paroquial, vocacional e espiritual.

II. ANÁLISE DOS DADOS DO QUESTIONÁRIO

"Os jovens, a fé e o discernimento vocacional"

1. JOVENS, IGREJA E SOCIEDADE

1. Questionados sobre o *modo como se ouve a realidade dos jovens*, as dioceses seguiram duas diferentes abordagens sobre a questão, por um lado, há dioceses que apresentam de forma objetiva os mecanismos a que recorrem para *escutar* os jovens, por outro, dioceses que falam sobre o que pensam ser a realidade dos jovens na atualidade.

As dioceses de Lisboa, Leiria-Fátima, Évora, Lamego, Setúbal, Viseu e Porto abordaram a questão referindo-se aos diferentes espaços/momentos que propõem aos jovens para dar voz às suas inquietações, ideias e projetos. No entanto, há diferenças nas propostas apresentadas pelas dioceses.

Por um lado, temos dioceses que propõem espaços comuns, de continuidade com modelos tradicionais para proporcionarem espaços de diálogo e conhecimento das inquietações e projetos dos jovens, como é o caso das dioceses de Évora, Viseu, Setúbal, Leiria-Fátima e Lamego, que referem ouvir os jovens através dos grupos de jovens, de catequese ou nas aulas de EMRC.

Por outro lado, vemos dioceses, como são exemplo Lisboa e Porto, que procuram dar voz aos jovens de forma mais direcionada aos contextos atuais deste grupo, criando espaços para a participação ativa dos jovens no plano pastoral das paróquias, movimentos ou colégios; inserindo-os nas equipas pastorais; promovendo plenários e assembleias de jovens, nas quais estes possam discutir sobre as suas dificuldades e proporem caminhos de diálogo à Igreja da qual fazem parte; o sacerdote disponibiliza tempo para atendimento individual ou acompanhamento dos grupos nas suas atividades, sobretudo, em espaços informais.

A diocese do Porto refere ainda que se vive uma certa dificuldade em criar espaços oportunos para ouvir os jovens e que, por isso, tentam proporcionar oportunidades para perceber o ponto de vista e as necessidades dos mesmos, exemplo disso é a atribuição de funções de liderança nos grupos de jovens e em outros espaços paroquiais.

Por sua vez, as dioceses de Braga, Coimbra, Vila Real e Bragança-Miranda analisaram a questão seguindo a interpretação sobre a forma como os jovens vivem hoje na sociedade. Nesta questão, as dioceses apresentam pontos em comum, salienta-se sobretudo as seguintes ideias:

- o individualismo em que os jovens vivem na atualidade, demasiado dependentes das relações virtuais;

- apresentam uma débil participação na vida paroquial e não procuram espaços de aprofundamento da sua vida espiritual;
- estão muito focados na vida académica e profissional, ganhando uma dimensão central nas suas vidas;
- falta de uma educação religiosa de base familiar, que não os familiariza, desde cedo, com a dimensão espiritual nas suas vidas e, consequentemente, não criam espaços para a valorização do papel da Igreja nas suas vidas.

2. Há a consciência geral por parte dos responsáveis dos movimentos eclesiais sobre quais *os desafios e oportunidades com os quais os jovens se confrontam na atualidade*, sendo que é comum entre as várias dioceses a visão que apresentam sobre esta questão.

O desafio com o qual o jovem mais se confronta na atualidade, e que é transversal aos jovens das várias dioceses do país, diz respeito essencialmente ao **desafio profissional**, nomeadamente, a preocupação com a procura de emprego e de uma ocupação profissional a partir da qual o jovem se realize profissional e pessoalmente e encontre a estabilidade financeira.

Há, contudo, outros **desafios sociais** que têm expressão nas várias dioceses e que dizem respeito essencialmente à forma como os jovens sentem que deve ser o seu papel na sociedade e a dificuldade que têm muitas vezes em resistir a essas situações, nomeadamente:

- saber usar as redes sociais de modo a evitar o individualismo e os excessos do consumo da era digital;
- saber renunciar ao facilitismo do mundo atual, nomeadamente, na opção pelos comportamentos de risco e pelo relativismo moral e ético;
- a necessidade de serem mais ativos e interventivos na sociedade, nomeadamente na defesa da vida, da ecologia, na abertura para a pluralidade cultural e religiosa.

Outro dos desafios enunciados prende-se com o **desafio religioso** dos jovens, nomeadamente, de como viverem a sua vida de fé sem serem alvo de preconceitos sociais; conseguirem afirmar-se como seguidores de cristo numa sociedade cada vez mais despida de valores religiosos; saber dar testemunho e ser modelo de fé para outros jovens; conseguir manter ligação com a Igreja após o seu percurso catequético; perante contextos familiares secularizados, conseguir amadurecer na sua fé, e encontrar espaços nas paróquias onde se sintam integrados e acompanhados.

Oportunidades:

Neste âmbito, os pontos de vista também são comuns entre as várias dioceses. Os jovens têm hoje oportunidades aliciantes, que lhes permite ter vivências muito diferenciadas.

As oportunidades mais comuns são o acesso aos estudos mais avançados, à informação e comunicação mais alargada e à mobilidade tanto ao nível cultural (viajar e conhecer novas culturas), como profissional (trabalhar em países estrangeiros). Por outro lado, têm oportunidades relacionadas com as suas opções pessoais, como maior liberdade de escolha, ser socialmente mais ativo e interventivo.

3. São vários os *lugares de agregação juvenil com sucesso eclesial* sugeridos pelas dioceses, no entanto, aqueles que merecem mais destaque entre todos são:

- os encontros **Diocesanos de Juventude, Jornadas Mundiais**, entre outros encontros de grande agregação juvenil, pois ajudam os jovens a perceber que há muitos outros jovens com o mesmo ideal religioso;
- os grupos de **Escuteiros**, porque implicam envolvimento e responsabilidade, uma vez que os jovens são o principal agente de desenvolvimento;
- **movimentos juvenis** de diferentes carismas ou **grupos de jovens**, porque permitem uma maior aproximação e identidade;
- atividades de ação social, como é o caso de **ações de voluntariado, de experiências missionárias *ad gentes*, da Missão País**, pois os jovens sentem-se comprometidos por uma causa maior que é o bem comum e aí encontram a sua realização;
- participação e responsabilização em **serviços litúrgicos**: acólito, coro, leitor.

4. De um modo geral, o tipo de *lugar de agregação de jovens fora do âmbito eclesial* passa pela mesma tipologia, independentemente das dioceses. Na verdade, o que os diferencia neste ponto prende-se, essencialmente, com as oportunidades que um jovem pode encontrar nas suas localidades. Neste sentido, os jovens agregam-se sobretudo em:

- **atividades desportivas**, pelo espírito de grupo e de competição que é desenvolvido entre os jovens, pelo culto do corpo perfeito e de uma vida saudável;
- **festivais de música**, pela oportunidade que proporcionam de convívio e de interação, mas também pela importância que é dada aos mesmos pelos meios de comunicação social;

- **ambientes noturnos**, são mais atrativos, pois não implicam compromisso e não têm um controlo, levando a uma sensação de "liberdade incondicionada", na qual podem realizar diferentes tipos de experiência;
- **grupos culturais**, como teatro, dança e música, ou **partidários**.

5. Os jovens de hoje são mais exigentes nas suas prioridades e escolhas e, por isso, também começam **a pedir mais à Igreja**. Neste contexto, a Igreja não pode deixar de procurar mecanismos para os acompanhar e integrar. As linguagens, experiências e propostas com que um jovem se confronta atualmente são muito aliciantes e, por isso, a Igreja tem um desafio exigente que não pode desvalorizar, caso contrário os jovens deixam de se rever nela e nas suas propostas.

Esta realidade está bem patente nas respostas que as dioceses apresentaram sobre esta questão, percebendo-se que há uma perspetiva comum entre elas naquilo que os jovens apresentam como prioritário na sua relação com a igreja.

De um modo mais específico os jovens pedem à Igreja:

- que lhes proporcionem *espaços de maior participação e responsabilidade*, em que a sua voz seja ouvida e onde possam ser protagonistas e agentes de mudança, pois, sentem que não são ouvidos, que não são valorizados nas suas capacidades e que não ocupam lugares de mudança;
- que a igreja apresente *modelos de orientação*, *referências de fé* a seguir;
- que a *linguagem seja mais próxima* e que a igreja proporcione espaços mais abertos e de liberdade para que um jovem possa colocar as suas dúvidas e partilhar as suas vidas;
- que *aceitem os jovens como eles são*, sem preconceitos e que se abra mais à realidade de hoje, de modo a darem *respostas para os problemas atuais*: famílias desestruturadas, vivência sexual, sentido para a vida;
- que haja *maior acompanhamento espiritual*, figuras que lhes indiquem o caminho a seguir e que sejam modelos de fé.

6. Os *espaços de participação dos jovens nas comunidades eclesiais* são os mesmos na maioria das dioceses, as propostas de participação não são muito diferentes das do passado, nomeadamente:

- Grupos de jovens
- Escuteiros

- Catequese durante a adolescência
- Exercício de ministérios litúrgicos: acólitos, leitores, grupos corais
- Encontros dirigidos aos jovens: diocesanos, nacionais ou mundiais
- Participação em atividades de voluntariado e de cariz social

Há, contudo, poucas dioceses que atribuem aos jovens lugares de decisão e de expressão de opinião, como é o caso da *presença nos órgãos pastorais de comunhão e participação*.

Nesta questão, várias dioceses referiram algumas *fragilidades na participação dos jovens nas comunidades*, que se sintetizam nas seguintes ideias centrais:

- os jovens não ocupam espaços no âmbito de lugares de decisão;
- têm responsabilidade formativa nas paróquias, contudo, sem a conveniente preparação e formação espiritual;
- experimentam alguma insatisfação por não se sentirem acolhidos pelas comunidades a que pertencem.

7. São vários os locais mencionados pelas dioceses sobre *onde e como os jovens encontram outros jovens que não frequentam os seus ambientes eclesiais*. No entanto, esta questão permitiu duas diferentes interpretações sobre o propósito da mesma.

Por um lado, há dioceses em que a resposta corresponde ao tipo de locais de encontro com outros jovens que não frequentam os ambientes eclesiais e diz respeito essencialmente ao encontro com estes em espaços comuns de sociabilização entre pares, nomeadamente: a escola ou ambientes académicos; cafés/bares, espaços noturnos, festivais musicais; as redes sociais e ambientes desportivos.

Por outro lado, há dioceses em que os jovens mostraram a forma como promovem encontros com outros jovens que não frequentam os seus ambientes eclesiais. Destacam-se nestas dioceses as seguintes formas de contacto:

- o contacto personalizado, no qual os jovens mostram a sua fé com o seu testemunho de vida, partilhando as suas experiências;
- a proposta de iniciativas de cariz voluntário, com abertura para a participação de jovens sem vivência cristã;
- iniciativas de primeiro anúncio, como as Missões, curso Alpha, peregrinações, Taizé;
- através da abertura dos grupos ou movimentos pastorais a todos os jovens.

No entanto, há dioceses que reconhecem que saem pouco ao encontro de outros jovens fora dos ambientes eclesiais, sobretudo, porque a comodidade destes é grande e têm dificuldade em sair da sua zona de conforto e conhecer outras realidades.

2. *PASTORAL JUVENIL VOCACIONAL*

1. Quanto ao *papel das famílias e comunidades no discernimento vocacional dos jovens*, é uníssona a ideia de que tanto a família como as comunidades atribuem pouca atenção à questão do discernimento vocacional dos jovens.

São várias as razões apresentadas para esta visão, entre outras, destacam-se as mais mencionadas:

- a família atribui cada vez *mais importância ao discernimento profissional*, acompanhando, desde muito cedo na vida dos jovens, as escolhas ao nível académico, desvalorizando assim o discernimento vocacional dos seus jovens;
- a *família deixou de ser o primeiro lugar de discernimento vocacional*, especialmente porque deixou de haver lugar para a religião nas casas, para a transmissão de valores cristãos;
- os jovens, hoje, *descobrem a religião fora do âmbito familiar*, muitas das vezes passa pelo testemunho dos seus amigos e não pelo papel tradicional da família como transmissora da dimensão cristã;
- a *organização familiar* dos tempos modernos, sobretudo as famílias desestruturadas, *não proporciona ambiente propício para que o jovem seja ouvido e acompanhado*, não há tempo;
- as famílias *limitam-se a colocar os filhos na catequese, como um gesto tradicional* e comum, sem integrar este caminho de encontro com Cristo;
- as comunidades falam pouco desta dimensão e quando o faz é sobretudo em datas específicas para o efeito, como é o caso da semana das vocações dos seminários.
- *a própria comunidade não é o rosto de Cristo* e, como tal, não cumpre a sua missão de acolhimento e acompanhamento dos jovens na descoberta do seu caminho vocacional.

2. Fazendo uma reflexão sobre a *contribuição das escolas, universidades ou outras instituições de ensino (civis ou eclesiais) para a formação no discernimento vocacional,* de um modo geral, as dioceses referem que estas instituições de ensino focam a sua atenção

quase exclusivamente no discernimento profissional, na formação técnica, dando valor ao sucesso escolar, projetando-o para o percurso profissional dos jovens.

No entanto, há espaços em algumas escolas ou universidades para o acompanhamento dos jovens, através do capelão em algumas universidades, dos grupos formais de jovens, como é o caso dos NEC - Núcleos de Estudantes Católicos, estes estão presentes em poucas universidades do país, ou nas escolas civis, com a presença de professores de EMRC formados pelas Dioceses.

Por sua vez, as instituições de ensino de matriz cristã já evidenciam preocupação pelo acompanhamento no discernimento vocacional dos seus jovens, propondo diferentes iniciativas que os ajudam a fazer um caminho de discernimento.

3. *A mudança cultural determinada pelo desenvolvimento do mundo digital* é apresentada de duas formas diferentes pelos jovens das diferentes dioceses:

- por um lado, o mundo digital é um desafio, pois gera mudanças no paradigma da evangelização, é um meio cheio de potencialidades, que facilita a vida quotidiana. Trouxe oportunidades no que toca à divulgação e partilha de informações, permitindo que mais jovens tenham acesso fácil à informação sobre atividades, eventos, encontros, levando mais longe e a mais gente estas mensagens. Permite ainda a troca de ideias e que boas iniciativas possam ser replicadas. A presença da Igreja no mundo digital obriga, por isso, a uma atenção reforçada nas formas de comunicação, na criatividade da mesma na apresentação de propostas adequadas ao público e adaptadas aos tempos modernos;
- por outro lado, tem uma vertente negativa que se prende com a utilização excessiva, que traz riscos e que reduz a presença e interação humana. Quando as dioceses optam por esta forma de comunicação, estão a desvalorizar a vertente do contacto pessoal. Ou seja, a valorização deste canal não gera adesão nem mobilização, o que retira a capacidade de reflexão e formação do pensamento e transforma a noção e experiência de intimidade, de pertença, fomentando, assim, o individualismo e as relações superficiais.

4. As dioceses consideram que encontros como *as Jornadas Mundiais da Juventude ou outros eventos nacionais ou internacionais* mobilizam um grande número de jovens, é um efeito de massas que entusiasma, por isso, há oportunidades associadas a estes eventos

que aproxima os jovens e os faz sentir parte de um grupo, pois a preparação dos encontros propõe um conjunto de iniciativas que envolve os jovens na dinamização das mesmas.

Estes encontros são uma oportunidade de primeiro anúncio, de encontro com outros jovens de outros países ou localidades do próprio país e, muitas vezes, proporcionam a conversão e aproximação de muitos jovens da igreja e mesmo o discernimento vocacional.

A dificuldade está, muitas vezes, no pós-encontros, pois há uma vontade de muitos desses jovens continuarem a fazer caminho juntos, no entanto, nem sempre se dá a devida continuidade dessas experiências, sobretudo, porque não há estruturas e capacidade de resposta por parte de muitas paróquias.

5. As Dioceses apresentaram um conjunto de experiências que se aproximam entre si na forma como *projetam experiências e caminhos de pastoral juvenil vocacional.*

Para muitas dioceses, o discernimento vocacional começa junto do pároco e depois passa pelas equipas de animação vocacional ligadas aos seminários, que dinamizam encontros de pré-seminário, encontros com congregações religiosas e preparam atividades de vivência da Semana de Oração pelas Vocações e Semana dos Seminários.

Para outras dioceses, as vocações surgem muitas vezes ligadas às experiências de grupos e movimentos juvenis, como é o caso do Convívio Fraterno, do Corpo Nacional de Escutas, dos Exercícios Espirituais e dos Retiros Vocacionais.

3. *OS ACOMPANHANTES*

1. Há um ponto de vista em comum em várias dioceses, quando analisam o *tempo e espaço dedicados pelos pastores e outros educadores ao acompanhamento espiritual pessoal,* salientando-se que há um real deficit do tempo atribuído à escuta. Tanto os sacerdotes, como os leigos têm dificuldade em encontrar disponibilidade para dar resposta à necessidade que existe de acompanhamento espiritual, pois, este requer tempo de qualidade. O acompanhamento dos jovens nem sempre é uma prioridade pastoral, sendo que muito do tempo disponibilizado pelo sacerdote resume-se a ações que não passam tanto pela função pastoral, mas por procedimentos processuais, não atendendo, muitas vezes, às reais necessidades da comunidade e, de um modo particular, dos jovens.

Por outro lado, são várias as dioceses que referem que nem sempre se encontram leigos bem formados e preparados para assumir essa função de acompanhamento espiritual dos

jovens. Ainda assim, há alguns leigos que conseguem veicular a mensagem e conquistar os jovens em experiências pontuais de oração, convívio ou voluntariado. Alguns concluem que, nos contextos em que existe algum acompanhamento dos jovens, os resultados são positivos.

Na verdade, e tendo em conta a análise das dioceses, há a opinião de que não existe uma proposta de direção espiritual específica nas comunidades.

2. Quando questionados sobre as *iniciativas e caminhos de formação postos em prática para os acompanhadores vocacionais,* as dioceses, de um modo geral, dizem não orientar qualquer formação para estes acompanhadores vocacionais dos jovens ou quando as há são incipientes ou a procura é reduzida. Consideram, por isso, haver necessidade de promover uma cultura vocacional nas comunidades paroquiais e orientar estas formações para poder responder de forma mais adequada às solicitudes dos jovens.

As iniciativas que foram referidas dizem respeito a semanas nacionais de formadores dos Seminários, formações anuais para agentes nos institutos religiosos, retiros espirituais, formação de animadores, entre outros.

Salientou-se que, quando se promovem estas formações, elas não estão orientadas para um público-alvo, mas são indiferenciadas, o que não permite que se forme especificamente um acompanhador vocacional dos jovens.

3. O *acompanhamento pessoal proposto nos seminários* das várias dioceses passa sobretudo pela direção espiritual, no qual se cria uma relação de proximidade, proporcionando um discernimento mais natural e seguindo o ritmo do jovem.

Há dioceses que salientaram o trabalho de acompanhamento no pré-seminário que, para além do acompanhamento espiritual pessoal, promove encontros mensais de dois dias para jovens a frequentar o secundário. Para os mais velhos o acompanhamento passa sobretudo pelo encontro pessoal.

4. UMA VISÃO DA EUROPA

1. Questionados sobre as *formas como se ajuda o jovem a olhar para o futuro com confiança e esperança, a partir da riqueza da memória cristã da Europa*, as dioceses apresentaram diversas formas de ajudar um jovem a olhar para o futuro com confiança e esperança, entre outras:

- a valorização de conteúdos sobre a história cultural e religiosa da Europa na disciplina de EMRC;
- experiências de contacto com as diversas manifestações de arte e monumentos religiosos a nível europeu, que permitem reforçar a ideia da matriz cristã da Europa e promover o conhecimento dessa matriz na evolução histórica da Europa;
- a partir da partilha de experiências de fé e de exemplos de vida de cada um dos formadores, mostrando-lhes que a fé cristã ajuda os jovens a olhar o futuro com confiança e a dar esperança à vida;
- pela consciencialização dos jovens para a memória cristã que carateriza a Europa, ajudando-os a compreender que a sua matriz valorativa assenta em valores cristãos que estão enraizados por toda a Europa;
- mostrando o valor da fé na promoção da felicidade, do bem comum, da solidariedade, da tolerância e do respeito pela diferença.

2. Conscientes de que muitas vezes *os jovens sentem-se descartados e rejeitados pelo sistema político, económico e social em que vivem,* as dioceses foram levadas a refletir sobre a *forma como se deve ouvir este potencial de protesto, a fim de que se transforme em proposta e colaboração.* Perante esta realidade verifica-se uma ideia transversal à maioria das dioceses, de que a Igreja deve proporcionar espaços onde a voz dos jovens seja ouvida e deixar que estes sejam protagonistas da mudança, de modo a que os jovens assumam responsabilidades concretas na transformação do mundo.

Os jovens de hoje têm uma forma própria de conceber a dimensão política, económica e social que não vai ao encontro das formas tradicionais do sistema, por isso, a melhor forma é ouvi-los, atribuir-lhes poder de decisão, de modo a que eles entendam a importância dos seus atos na sociedade em que vivem.

Importa que a igreja proporcione espaços de formação e debate sobre temas da atualidade política, económica e social, desenvolvendo o espírito crítico dos jovens e ajudando a formar consciências.

A falta de formação faz com que os jovens se sintam impotentes e não tenham instrumentos para agir. Neste sentido, é importante dar a conhecer a Doutrina Social da Igreja, de modo a que os jovens tenham ferramentas para que, nas diferentes vertentes da sua vida, saibam ser testemunho cristão. Por outro lado, a formação permitirá que os jovens de hoje assumam cargos/funções políticas, económicas, sociais e culturais com vocação cristã laical e possam assim transformar o meio por onde se movem.

No entanto, há dioceses que referem que os jovens de hoje demonstram uma evidente falta de preocupação face ao que acontece ao seu redor, tanto ao nível político como social, por isso, a Igreja deve incentivar os jovens a ter um papel mais comprometido e uma ação concreta no mundo, por exemplo, apoiando-os na execução de projetos sociais e comunitários.

3. Numa sociedade cada vez mais individualista, importa compreender quais os *níveis em que a relação intergeracional funciona e como é possível voltar a ativá-la quando esta deixa de funcionar.*

A família é o espaço natural de promoção da relação intergeracional, embora esta esteja cada vez mais reduzida. No entanto, é importante reforçar esta relação em seio familiar, pois é dela que saem as referências.

Em ambiente paroquial, uma forma de revitalizar esta relação entre as gerações é através da promoção de experiências de voluntariado fora da família com outros grupos geracionais, como é o caso dos idosos, pois, os jovens mostram-se muito recetivos a atividades que envolvam este grupo etário. Nestes contextos, os jovens deixam-se transformar, já que aprendem e descobrem que têm muito para dar e receber.

Por outro lado, há movimentos que, pelo seu carisma, valorizam essa relação e seria importante proporcionar oportunidades de interação e partilha de experiências/vivências entre os mais jovens e mais velhos, como por exemplo entre catequistas, que por norma pertencem a diferentes grupos etários.

A partilha de experiências e saberes entre as gerações em seio paroquial serve, assim, de passagem de testemunho e de formação para os mais jovens.

III. IDEIAS IMPORTANTES A CONSIDERAR

- As dioceses propõem formas próprias para ouvir a realidade dos jovens, no entanto, estes sentem cada vez mais necessidade de terem um lugar onde a sua voz seja ouvida e de fazerem a diferença nos diferentes espaços sociais em que se encontram. Por isso, é necessário que as paróquias saibam acompanhar esta vontade, proporcionando oportunidades de expressão e decisão dentro das organizações paroquiais. No entanto, algumas paróquias mostram dificuldade em promover estas novas formas de intervenção juvenil, mantendo modelos mais tradicionais de participação dos jovens.

- Os grandes desafios que os jovens vivem na atualidade prendem-se, sobretudo, com a dimensão profissional, no entanto, no que diz respeito à sua dimensão religiosa, os jovens salientam a dificuldade em afirmar a sua fé cristã num contexto social e familiar cada vez mais laico, necessitando, assim, de vivências paroquiais cada vez mais próximas e direcionadas para os seus interesses, com linguagem própria e próxima das suas vivências, bem como necessitam de modelos de orientação espiritual e que sejam referências de fé a seguir.

- Não obstante serem vários os espaços de participação dos jovens nas paróquias, estes pedem aos agentes da Igreja que procurem mecanismos de maior abertura, proximidade e adaptabilidade aos contextos dos jovens, de modo a que possam ser acompanhados e integrados nas diversas dimensões paroquiais, possibilitando uma maior valorização das suas potencialidades como agentes de mudança.

- Quanto à pastoral juvenil vocacional, as comunidades eclesiais nem sempre cumprem o seu papel na missão de acompanhamento dos jovens na descoberta do seu caminho vocacional; por outro lado, a família deixou de ser o espaço privilegiado para a descoberta da religião e da fé, deixando assim de ser o primeiro lugar de discernimento vocacional.

- Na maioria dos casos, o discernimento começa pelo pároco, sendo, posteriormente, seguido pelas equipas de animação vocacional. No entanto, muitas vocações surgem ligadas a experiências juvenis de interioridade e aprofundamento da fé promovidas diretamente para os jovens.

- Há oportunidades de promover o anúncio cristão ou o próprio discernimento vocacional em atividades de maior alcance, como é o caso dos encontro nacionais e internacionais, que mobilizam um número expressivo de jovens, no entanto, é necessário

investir no pós-encontros, já que é nesta fase que se manifestam as maiores dificuldades em dar continuidade a essas experiências, urge, por isso, que se capacitem as estruturas paroquiais para a valorização destas oportunidades de evangelização.

- A procura dos jovens por respostas diferentes por parte da Igreja, implica que a forma como estes são acompanhados e ouvidos por parte dos agentes eclesiais seja uma prioridade, no entanto, algumas dioceses refletiram sobre a falta de tempo por parte do sacerdote e de leigos, bem como a pouca formação de alguns agentes para fazer um acompanhamento espiritual sério e orientado aos jovens.

- Por seu lado, há também a consciência de uma lacuna formativa no âmbito dos agentes de acompanhamento vocacional e espiritual, sobretudo, porque esta dimensão não é devidamente valorizada nas comunidades paroquiais, ou porque, na verdade, elas não existem ou, quando existem, não são direcionadas para um público específico.

- Há uma consciência sobre a importância de se valorizar na relação com os jovens a herança cristã que carateriza a Europa, como forma de manter presente a dimensão valorativa e espiritual que nos define e distingue.

- A Igreja deve proporcionar espaços para que os jovens expressem constantes interpelações sobre a realidade que os circunda, já que eles, muitas vezes, sentem-se à parte dos sistemas político, económico e social em que vivem. Neste sentido, e tendo em conta a herança valorativa que carateriza o cristianismo, a Igreja deve ser esse espaço de reflexão, debate e interpelação, de modo a ajudar os jovens a serem agentes de bem e mudança na sociedade em que vivem.

IV. REFLEXÃO FINAL

Ao olhar para a geração dos avós, poderíamos dizer que um autêntico português era aquele que procurava identificar a sua vida com a vida e as palavras de Cristo, as quais atuavam como referente objetivo e horizonte que dava significado aos seus comportamentos, atitudes e valores. Porém, a geração dos jovens já não é assim e não é por não serem autênticos, mas porque, na realidade, os contextos em que vivem, as famílias que têm, a escola que os forma, as perguntas que fazem são agora muito diferentes das dos seus avós, pelo que a Igreja tem de estar consciente de que é necessário voltar a propor, como no início, o rosto, a vida e as palavras de Cristo, agora, em concorrência, com muitas outras propostas que podem até ser muito mais atrativas e consonantes com a cultura contemporânea.

Relembramos que só 5 em cada 10 jovens portugueses se diz católico. Como é possível que os jovens configurem a sua escala de valores baseada nos valores cristãos se porventura já não foram socializados na cultura cristã, numa família clássica composta por pai, mãe e irmãos, se não foram socializados nos bancos da Igreja, nos grupos de jovens paroquiais, etc.?

Propõe-se uma Igreja que vá ao encontro de cada um, no seu contexto específico, quer se trate da escola, da universidade, quer do local de trabalho ou dos espaços de lazer. São os jovens quem nos exigem um maior acompanhamento, pedem proximidade, sem receios; pedem que estejamos preparados para lhes responder às suas inquietações, que lhes dêmos de beber, a partir das suas realidades, sem que lhes façamos perguntas de onde vêm, quem são, que estudam, que creem ou que pensam. É demais querer entrar, à primeira, na casa deles sem serem eles a abrir a porta. Esta é uma tendência que anda por aí, com a vontade de agarrar à primeira, com medo de que os jovens fujam e se percam! O jovem não está perdido, está no seu ambiente, na sociedade que todos criamos, marcada por altos conceitos estéticos e de conforto, mas longe de Deus.

Os jovens pedem-nos somente a nossa presença, o nosso tempo, pelo que não entendem que se olhe tantas vezes para o relógio, que se diga que temos uma reunião e outra e outra. Faz falta desburocratizar a Igreja, que se tornou excessivamente profissional, uma empresa familiar, que não dá prejuízo ao final do mês e que cumpre zelosamente os seus horários. Pode ter formação, como o Quadro 2020, mas falta-lhe autenticidade. Pelo que os jovens pedem formação humana, cristã, que os ajudem a ter interesses, a interessar-se por algo, já que a sociedade os ensinou a defender os seus interesses, mas, em boa verdade, não se interessam mais do que por si próprios e assim não se sentem felizes.

Os jovens pedem que lhes proporcionemos encontros com os seus pares, jovens que falem a mesma linguagem e que se entendam entre si. Mas depois destes grandes encontros, que podem ser o motor para novas dinâmicas, pedem que estejamos atentos aos encontros sucessivos, já que muitos deles são mal preparados e sem conteúdo, pelo que são fator de desmotivação e de novos desencontros.

Os jovens que, na sociedade contemporânea, conhecem a Igreja não pelas suas famílias de origem, mas, em muitos dos casos, por outros jovens, reconhecem que é ótimo o mundo digital, que os aproxima e que os torna presentes, mas reconhecem também que os deixa fisicamente sós, pelo que lhes falta quem lhes preencha esse espaço, lhes dê interioridade, os ensine a contemplar.

Sem interioridade e sem contemplação, a cultura carece de entranhas, apresenta-se seca, como um carro sem motor ou um corpo sem alma.

Diga-se, em boa verdade, os jovens já não pedem nada à Igreja. Eles seguem a sua vida, o seu rumo, a sua profissão, lutam por ter com que consumir.

A Igreja é que precisa de olhar mais para as pessoas, para o sofrimento real, para a vida cansada de cada um, de cada jovem. E, se assim for, a Igreja, mais do que nunca, terá uma palavra a dizer, uma esperança a dar, uma sociedade a construir, ouvidos que a escutem, porque os jovens devem ter o direito de poder encontrar um modelo sobre o qual possam configurar a sua própria escala de valores através da contemplação da verdade, do bem e da beleza que é Cristo.

V. BIBLIOGRAFIA

Cabral, M. V. & Pais, J. M. (coords.) (1998). *Jovens Portugueses de Hoje*. Oeiras: Celta.

Comas Arnau, D. (coord.). (2003). *Jóvenes y estilos de vida*. Madrid: Injuve

Duque, E. (2007). *Os Jovens e a Religião na Sociedade Actual. Comportamentos, Crenças, Atitudes e Valores no Distrito de Braga*. Braga: Council of Europe, Secretaria de Estado da Juventude, Instituto Português da Juventude.

Duque, E. (2013). "Atitude dos jovens portugueses face à religião", *Plataforma Barómetro Social*, 1-2.

European Social Survey, 2002 a 2014. Norwegian Centre for Research Data, Norway - Data Archive and distributor of ESS data for ESS ERIC.

Ferreira, P. A. (1993). *Valores dos jovens portugueses nos anos 80*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais/Instituto da Juventude.

Pais, J. M. (2009). A Juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. *Saúde e Sociedade volume* 18, (3), 371-381.

Pappámikail, L. (2011). Juventud entre a fase da vida e tempo de viver. In A. Nunes de Almeida (coord.), *Historia da vida privada* (pp. 208-241). Vol 4, Lisboa: Temas & Debates.